

REFLEXÕES SOBRE O ESTIGMA TERRITORIAL: O CASO DO JARDIM MORADA DO SOL (PRESIDENTE PRUDENTE – SP) E DO DISTRITO DO PIMENTAS (GUARULHOS – SP)¹

Taís Souza da Cruz ²

RESUMO

O estigma territorial é um processo complexo e multifacetado que obteve destaque nos estudos das ciências sociais, sobretudo, a partir do acréscimo do termo “territorial” à teoria do estigma de Goffman (2008) por Wacquant (2006; 2014). Com isso, o local de residência passou a ser considerado como um elemento influente na desqualificação dos sujeitos. Esses discursos são formalizados e reproduzidos pelos meios de comunicação que contribui para perpetuação do estigma territorial (Savari, 2008; Cornejo, 2012). No Brasil, além das favelas, as periferias (social e econômica) são alvos do estigma territorial. Sendo assim, este texto foca na análise das notícias sobre duas áreas periféricas, Jardim Morada do Sol (Presidente Prudente/SP) e Distrito do Pimentas (Guarulhos/SP). Diante disso, constatamos que mesmo dispondo de poucas reportagens sobre prática de “crime e violência”, por meio da disseminação de uma “violência difusa” (Sposito; Góes, 2013) e, ao mesmo tempo, apontando aos seus telespectadores, áreas a serem evitadas (Imbert, 1992), a mídia exerce um papel relevante na perpetuação do estigma territorial sobre o Jardim Morada do Sol, assim como ocorre no Distrito do Pimentas.

Palavras-chave: Estigma Territorial, Mídia, Periferia, Jardim Morada do Sol, Distrito do Pimentas.

RESUMEN

El estigma territorial es un proceso complejo y multifacético que ha ganado prominencia en los estudios de ciencias sociales, especialmente desde que Wacquant (2006; 2014) añadió el término “territorial” a la teoría del estigma de Goffman (2008). Como resultado, el lugar de residencia pasó a ser considerado como un elemento influente en la descalificación de los sujetos. Estos discursos son formalizados y reproducidos por los medios, lo que contribuye a la perpetuación del estigma territorial (Savari, 2008; Cornejo, 2012), señalando a los espectadores áreas a evitar (Imbert, 1992). En Brasil, además de las favelas, las periferias (sociales y económicas) son blanco del estigma territorial. Por lo tanto, este texto se centra en el análisis de noticias sobre dos áreas periféricas, Jardim Morada do Sol (Presidente Prudente/SP) y Distrito do Pimentas (Guarulhos/SP). Ante esto, encontramos que si bien existen pocos informes sobre la práctica del “crimen y la violencia”, basados en la difusión de la “violencia difusa” (Sposito; Góes, 2013) y, al mismo tiempo, señalando a sus espectadores son áreas a evitar (Imbert, 1992), los medios juegan un papel relevante en la formalización del estigma territorial en Jardim Morada do Sol, como ocurre en el Distrito de Pimentas.

Palabras clave. Estigma territorial, Medios de comunicación, Periferia, Jardim Morada do Sol, Distrito do Pimentas

¹ Pesquisa em andamento, financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), processo nº 2022/06604-4.

² Mestranda do Curso de Geografia da Universidade Estadual Paulista – UNESP/ Presidente Prudente-SP, tais.souza@unesp.br, sob orientação da Profa. Dra. Eda Maria Góes.

INTRODUÇÃO

A partir dos estudos de comparação, sobre o cotidiano dos habitantes que viviam em hipergueto no centro da cidade de Chicago, nos Estados Unidos, e no conjunto habitacional situado nos arredores em Paris, na França, Wacquant (2006; 2014) se deparou com opiniões e discursos dos próprios moradores, que corroboravam com os das autoridades do Estado e dos meios de comunicação, sobre a valorização negativa dessas áreas, conhecidos como locais de desprestígio sociais e violentos. Como modo de evitar associações com esses espaços, os moradores passaram a omitir endereços, a privar-se de interações com outros moradores e, na primeira oportunidade se mudar. Ao observar esse processo, Wacquant (2006; 2014), a partir do conceito de estigma de Goffman (2008), ampliou-o, incorporando o local de moradia como um aspecto influente na desqualificação ou símbolo de prestígio dos sujeitos, sendo um fator relevante nas relações sociais e espaciais cotidianas.

Nas cidades latino-americanas e, sobretudo, no Brasil, as crises políticas e econômicas, em meados dos anos 1990, contribuíram para o agravamento das desigualdades sociais e espaciais, ocasionando o aumento da pobreza e das práticas de crime e violência. Com a intensa cobertura da mídia sobre esses atos, e por meio da associação entre pobreza e violência, territórios mais empobrecidos passaram a serem reconhecidas como perigosos e violentos, como as periferias brasileiras, sendo alvos de estigmas territoriais, processo este que se estabelece como uma expressão da desigualdade socioespacial.

A complexificação de processos urbanos, constituídos sob a égide do sistema capitalista de produção e do processo de globalização (Santos, 2006), envolve a transformação constante das dinâmicas sociais e espaciais das cidades brasileiras, sobretudo, em territórios periféricos. Sendo assim, o conceito de periferia passou por diversas ressignificações e releituras para explicar as suas novas configurações e processos que estavam e, ainda estão surgindo nesses espaços, como a presença de condomínios residenciais fechados de médio e alto padrão, e o aparecimento de multi/policestralidades nas periferias. Mesmo com essas mudanças, espaços que apresentam uma condição periférica, são vistos, ainda, como locais de “realização de práticas violentas, principalmente, da criminalidade violenta, tanto em sua forma difusa como organizada” (Paiva, 2007, p.3). Esses conteúdos se articulam com a formação socioespacial, que na maioria dos casos, parte do processo de segregação socioespacial imposta (Corrêa, 1989).

O estigma territorial pode se manifestar e ocasionar efeitos diversos, dependendo do modo, da intensidade e da dimensão com que este se expressa em uma determinada área e em

seus moradores. Estes estigmas são formalizados e estabelecidos, constantemente, pelos meios de comunicação, quando enfatizam em suas reportagens apenas acontecimentos que desqualificam, estimulando a criação de discursos e imaginários preconceituosos sobre essas áreas.

Sendo assim, este texto tem como objetivo contribuir com a reflexão sobre essa temática (estigma territorial), por meio da comparação de duas áreas periféricas, partindo de análises preliminares de reportagens relacionadas ao Jardim Morada do Sol, que está situado no extremo norte da cidade de Presidente Prudente - porção oeste do Estado de São Paulo - e no distrito do Pimentas, localizado na zona leste da cidade de Guarulhos – porção nordeste da área metropolitana de São Paulo – considerando a complexidade desse processo em realidades urbanas distintas, ainda que ambas sejam periféricas e destacando as particularidades e singularidades presentes nessas áreas.

METODOLOGIA

Os procedimentos empregados na pesquisa são qualitativos, e se baseiam na realização de revisão bibliográfica, observações de campo e levantamento de matérias de jornais em acervos de abrangência local e regional sobre as duas áreas da pesquisa. No caso do Jardim Morada do Sol (Presidente Prudente/SP), notícias foram obtidas no “O Imparcial”, e do Distrito do Pimentas (Guarulhos/SP), na “Folha Metropolitana”.

O texto é derivado de resultados preliminares da pesquisa de mestrado que está em andamento, por isso, optamos por analisar as matérias de jornais que foram publicadas recentemente (2018 - 2022). A sistematização das reportagens ocorreu por meio da elaboração de um quadro contendo as seguintes informações: 1. Ano (da publicação); 2. Título da notícia; 3. Tema abordado e 4. Resumo da notícia. Tal processo resultou na formulação dos quadros 1 e 2, indicados posteriormente. Durante esse levantamento, fizemos registros fotográficos digitais das principais notícias publicadas no período pesquisado sobre as duas áreas.

ESTIGMA TERRITORIAL E O PAPEL DA MÍDIA

A partir dos estudos de Goffman (2008), que formalizou o conceito de estigma em sua obra “Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada”, publicada, originalmente, em 1963, Wacquant (2006; 2014) ao acrescentar o termo territorial, acrescenta um outro aspecto não mencionado por Goffman (2008), o local da residência, como elemento que também influencia na desqualificação e depreciação dos sujeitos.

Associado a terceira categoria de estigma³, que “pode ser transmitido por via da linhagem e [que ele] contamina de igual modo todos os membros da família” (Wacquant, 2006, p. 28), o estigma territorial configura-se pelos discursos e conteúdos negativos atribuídos a determinados espaços da cidade que passam a ser reconhecidos como locais de perdição, perigosos, de violência e “onde só circulam os desviantes e resíduos da sociedade” (Rodrigues, 2018, p.1935). Ele tem um caráter homogeneizador, pois todos aqueles sujeitos que residem nesses territórios estigmatizados começam a ser identificados com uma identidade social virtual (Goffman, 2008), o que reflete e acompanha as relações sociais e espaciais desses sujeitos, constituindo um fator decisivo para a intensificação do processo de segregação socioespacial.

Que esses lugares estejam ou não deteriorados, sejam ou não perigosos e a sua população seja ou não essencialmente composto de pobres, minorias e estrangeiros, tem pouca importância, no fim das contas: a crença preconceituosa de que assim não basta para engendrar consequências socialmente nocivas. (Wacquant, 2006, p.26)

Cornejo (2012, p.185) aponta, em seus estudos, a violência simbólica contida no estigma territorial, referindo-se à imposição de noções e ideias negativas, assim, “quem a sofre tem pouca capacidade de constituir uma identidade social diferente daquela imposta”, resultando na depreciação, simbólica do território e, conseqüentemente, de seus moradores (Bourdieu, 2008). Conforme Ojima; Marandola Jr; Moraes Pereira; Silva (2010, p. 405), os efeitos do estigma territorial não ficam restritos apenas ao âmbito simbólico, geram também “constrangimento de oportunidades e exclusão social”, contribuindo na reprodução e no estabelecimento de “relações de poder e desigualdades na estrutura social” (Savari, 2008, p. 104).

Por definição, é claro, acreditamos que alguém com um estigma não seja completamente humano. Com base nisso, fazemos vários tipos de discriminações, através das quais efetivamente, e muitas vezes sem pensar, reduzimos suas chances de vida. Construimos uma teoria do estigma, uma ideologia para explicar a sua inferioridade e dar conta do perigo que ela representa, racionalizando algumas vezes uma animosidade baseada em outras diferenças, tais como as de classe social. (Goffman, 2008, p. 15)

Segundo Wacquant (2006, p. 28), a estigmatização de determinados territórios, é ocasionada e passa a incluir manifestações “vindas de baixo”, conversas e interações cotidianas,

³ “Podem-se mencionar três tipos de estigma nitidamente diferente. Em primeiro lugar, hpa as abominações do corpo – as várias deformidades físicas. Em segundo, as culpas de caráter individual, percebidas como vontades fracas, paixões tirânicas ou não naturais, crenças falsas e rígidas, desonestidade, sendo essas inferidas a partir de relato conhecidos de, por exemplo, distúrbio mental, prisão, vício, alcoolismo, homossexualismo, desemprego, tentativas de suicídio e comportamento político radical. Finalmente, há estigmas tribais de raça, nação e religião, que podem ser transmitidos através de linhagem e contaminar por igual todos os membros de uma família” (Goffman, 1988, p.12)

o “mundo de cima”, com atuação de políticos burocráticos e, principalmente, dos meios de comunicação, que como ressalta Cornejo (2012), detêm o poder de disseminar informações e, assim, reproduzem o estigma territorial, atuando na sua naturalização e justificação.

Thompson (1998) aponta que, os meios de comunicação passaram a ser disseminados na metade do século XVI, ainda com pouca relevância na sociedade daquela época. Apenas no início do século XIX, com o processo de globalização, a mídia começa a ter um alcance em larga escala e a desempenhar um papel significativo na sociedade, sobretudo, na garantia dos interesses de grandes empresas e grupos econômicos, atendendo “cada vez mais à lógica segundo a qual o emprego de qualquer recurso que garanta as vendas dos produtos envolvidos (sejam os próprios jornais e revistas, sejam os enunciados) se justifica” (Sposito; Góes, 2013, p. 176).

Diante disso, com a complexificação dos instrumentos de comunicação e informação (Thompson, 1998), estes começaram a influenciar ideias, debates, pensamentos e atitudes, contribuindo para efeitos psicológicos (Curbet, 2007), e estabelecendo um sentimento de pertencimento com seus telespectadores, pois

Dada sua relevância nos mecanismos de socialização, de formação das sensibilidades e dos padrões de apreensão da realidade, a mídia se tornou um instrumento crítico para coordenar ações políticas. Ela descreve, contextualiza, dá sentido, mas também julga, orienta o julgamento e a execução dos atos. (Abramo, 2016, p.14)

Na medida em que, frequentemente, são noticiados acontecimentos que apenas envolvem conflitos, práticas de crime, violência, mortes, desastres, sobretudo de forma sensacionalista, associadas a um espaço, a mídia passa a atuar na criação de preconceitos, estereótipos e estigmas. Esses conteúdos geram repercussão e comoção, pois são “facilmente reconhecidos pelos mesmos telespectadores, porque são condizentes com as suas representações sociais, já que reforçam a estratégia, que não é nova, de identificar o perigo no outro” (Sposito; Góes, 2013, p.176). Ao mesmo tempo que, por meio da “seletividade espacial” (Fernandes, 2009), classificam, no contexto das cidades, espaços considerados seguros e aqueles tidos como violentos, marcando e apontando, de forma simplista e preconceituosa, espaços que devem ser evitados (Imbert, 1992; Savari, 2008).

Tendo em vista que “o crime e os criminosos são associados aos espaços que supostamente lhes dão origem” (Caldeira, 2000, p.79), em meados dos anos 1990, no Brasil, com as crises econômicas e o avanço das políticas neoliberais, promovendo privatizações e o encolhimento do mercado de trabalho (Sposito; Góes, 2013), ocorreu um aumento da violência e de práticas criminosas, que obtiveram maior cobertura jornalística, o que contribuiu para a

associação de favelas e periferias (social e econômica) a essas práticas, implicando em generalizações nas quais, todos que residem nessas áreas são “criminosos em potencial” (Fernandes, 2009, p.206).

Essas percepções não são apenas vivenciadas em territórios das grandes cidades, mas também, em contextos urbanos, espaciais, históricos e sociais diferentes das metrópoles, como as cidades médias. Diante disso, analisaremos a influências das mídias em dois territórios periféricos, o Jardim Morada do Sol, localizado numa cidade média, e do Distrito do Pimentas, que está localizado na área metropolitana de São Paulo, com o objetivo de contribuir para o debate sobre estigma territorial.

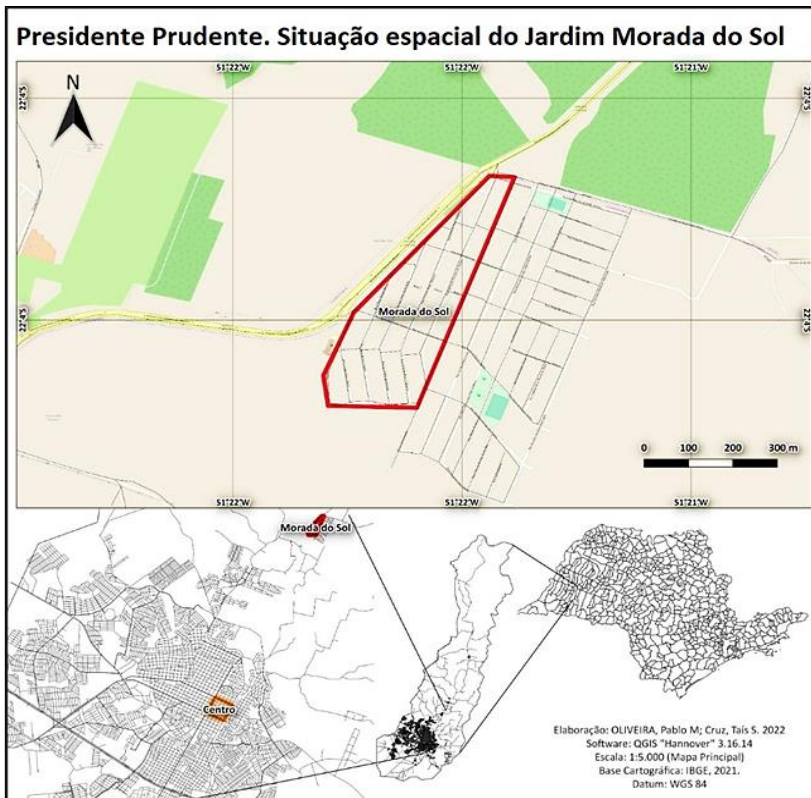
O Jardim Morada do Sol situa-se no extremo norte de Presidente Prudente⁴, município localizado na porção oeste do Estado de São Paulo. A referência ao Km 7 da estrada vicinal que interliga Presidente Prudente ao distrito de Montalvão (Silva, 2005), há cerca de 7 quilômetros de distância do centro da cidade, é frequentemente incorporada a ele, por vezes, sendo empregada em lugar de Jardim Morada do Sol. Ele teve origem no segundo mandato do Prefeito Paulo Constantino (1989 – 1994), por meio do “Programa de Desfavelamento e Loteamentos Urbanísticos” (1991)⁵.

Com isso, boa parte dos seus moradores que residiam em favelas foram transferidos para os lotes urbanizados implantados além do perímetro urbano, numa gleba que, inicialmente, estava destinada para implementação de um Cemitério municipal, mas que foi alterada, “numa área extremamente periférica e sem a mínima infraestrutura, equipamentos urbanos e serviços (Komuro, 2008, p.15) como mostra a Figura 1.

Figura 1: Presidente Prudente - SP. Situação espacial do Jardim Morada do Sol

⁴ Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o município de Presidente Prudente tem uma população de 225.668 mil habitantes (2022).

⁵ Essa política habitacional tinha a intenção de “legalizar e melhorar a situação dos moradores irregulares através da venda por financiamento de lotes urbanizados, que deveriam ser atendidos por infraestrutura pública” (Komuro, 2018, p.15).



Elaboração: Oliveira; Cruz, 2022.

Em alguns estudos anteriores sobre o Jardim Morada do Sol (Silva, 2005) evidenciou-se o processo de segregação socioespacial, imposto por agentes privados e públicos, a partir da transferência de moradores de favelas instaladas próximos ao centro e, conseqüentemente, em área que contava com equipamentos e serviços públicos, para outra distante, na época, localizada além do perímetro urbano, sem a presença de infraestrutura urbana básica, portanto, “sua implantação e ocupação não foi precedida de planejamento que considerasse as condições favoráveis à inserção socioespacial de seus moradores na cidade de Presidente Prudente” (Silva, 2005, p. 92).

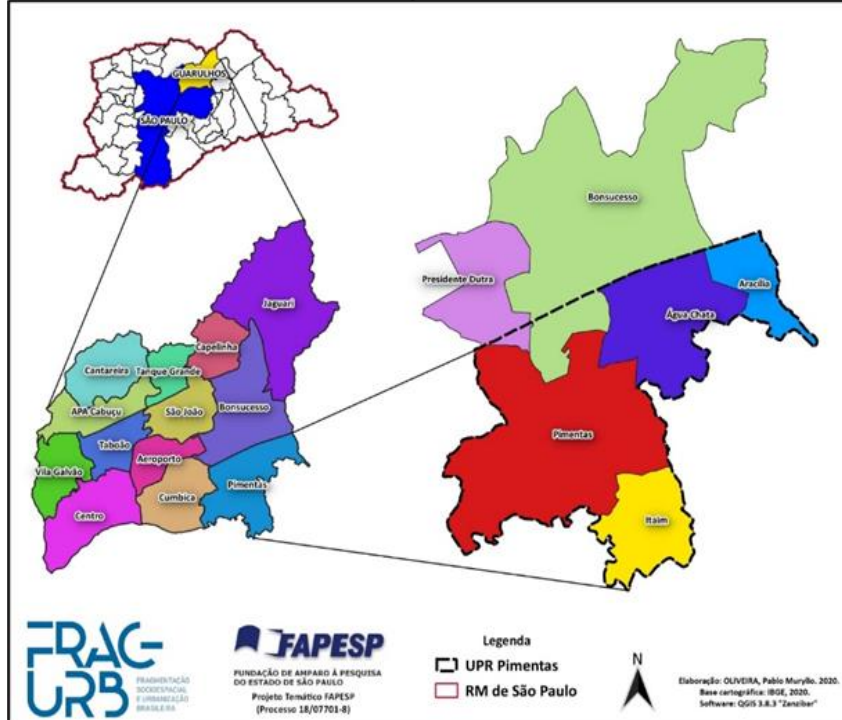
O Distrito do Pimentas é uma área constituída pelo agrupamento de seis bairros⁶, localizada na zona leste de Guarulhos⁷, município que se encontra na porção nordeste da área metropolitana de São Paulo, como mostra Figura 2. O processo de formação do Distrito do Pimentas, ocorreu por meio da ocupação de loteamentos periféricos, também sem infraestrutura e equipamentos urbanos básicos, por parte de trabalhadores e migrantes, sobretudo, vindos do interior do Estado de São Paulo e das regiões Nordeste e Sul do Brasil, em busca de

⁶ Aracília, Água Chata, Itaim, integram o Bonsucesso e o Presidente Dutra, além do bairro dos Pimentas. Esse distrito tem aproximadamente 400 mil habitantes (MATOS, 2011), sendo considerada a área mais populosa do município de Guarulhos.

⁷ Segundo o IBGE, o município de Guarulhos tem 1.291.784 habitantes (2022).

oportunidades de acesso à casa própria, emprego e melhores condições de vida. Essa ocupação foi ocasionada pela implantação da Base Aérea de São Paulo (BASP), em 1945, do Loteamento “Cidade Satélite Industrial de Cumbica”, em 1946 e, posteriormente, a construção das rodovias Presidente Dutra (1951) e Fernão Dias (1959), que proporcionou a expansão industrial, sobretudo para o setor leste, na cidade de Guarulhos, que se tornou o foco inicial de atração para essa área.

Figura 2: Guarulhos - SP. Situação espacial do distrito do Pimentas



Elaboração: Oliveira, 2020 (Cruz; Legroux, 2021, p.714).

Outro elemento marcante na formação socioespacial do Distrito do Pimentas foi a inauguração do Aeroporto Internacional de Guarulhos, nos anos 1980, que contribuiu para o direcionamento de moradores instalados nas proximidades da área desapropriada para sua instalação, para o setor leste da cidade, entre eles o Pimentas, gerando assim, um expressivo crescimento populacional. Esse período ficou marcado pela ocupação de áreas públicas e privadas, dando origem a favelas e ocupações irregulares. Além do mais, a extinção de vias que permitiam a mobilidade e acesso ao centro de Guarulhos, agravou o isolamento dessa área periférica (Santos, 2017).

RESULTADOS E DISCURSÕES

A partir do levantamento prévio de reportagens sobre o Jardim Morada do Sol no “O imparcial”, contemplando o período de 2018 a 2022, foram recolhidas 50 reportagens (em termos absolutos), sendo que apenas 8 notícias estão relacionadas a prática de “crime” e



“violência”. Porém, ao relativizarmos esses dados, temos a representação de 16% dessa temática sobre o bairro. Merece destaque o ano de 2018, quando houve 4 reportagens ligadas ao tema, diferenciando-se dos demais anos (2019; 2020; 2021 e 2022), em que foram publicadas apenas uma reportagem a cada ano, conforme demonstrado no Quadro 1. A maioria das matérias são noticiadas na coluna “Síntese Policial” e “Cidades”.

Quadro 1: Reportagens sobre práticas de violência e crime no Jardim Morada do Sol – Presidente Prudente (2018 – 2022)

Ano de publicação	Jornal "O Imparcial"
2018	4
2019	1
2020	1
2021	1
2022	1
Total	8

Elaboração: Cruz, 2023.

A reportagem “Disparos de arma de fogo” (Figura 3) foi publicada no dia 29 de dezembro de 2018, na coluna “Síntese”. A notícia trata de um proprietário rural, com 40 anos, morador do Jardim Morada do Sol, que foi preso após disparar com uma arma 14 vezes. O acusado justifica o disparo ao apontar a presença de possíveis ladrões de galinha próximo a sua residência. Como podemos observar, por se tratar de uma “Síntese”, a reportagem não exibe muitos detalhes, nem imagens.

Figura 3 – “Disparos de arma de fogo”



Fonte: O Imparcial, 29/12/2018.

Figura 4 – “Homens são presos por tráfico de drogas e posse ilegal de arma de fogo em Prudente”

Homens são presos por tráfico de drogas e posse ilegal de arma de fogo em Prudente

DA REDAÇÃO

Dois homens - um de 36 e outro de 21 anos - foram presos, respectivamente, por tráfico de drogas e posse ilegal de arma de fogo na tarde desta quinta-feira no Jardim Morada do Sol, em Presidente Prudente. Segundo a Polícia Militar, uma equipe policial recebeu a denúncia de que um indivíduo de 36 anos estaria comercializando drogas no bairro. Os militares se direcionaram até o endereço da denúncia para averiguar a veracidade da queixa. Ao chegar na frente da residência alvo da denúncia, os policiais visualizaram um indivíduo saindo do local, este, ao se aproximar de um veículo, arremessou algo no interior do automóvel.

Posteriormente, após a abor-

dagem, os agentes verificaram que o objeto dispensado pelo suspeito era uma porção de maconha. Indagado a respeito da droga, o rapaz disse que havia comprado do homem alvo da denúncia, o indivíduo de 36 anos.

De acordo com a PM, os dois suspeitos estavam próximos da casa quando na tentativa dos policiais realizarem a abordagem aos indivíduos, ambos correram para o fundo da residência, momento que o indivíduo de 36 anos arremessou uma mochila preta.

A equipe policial conseguiu abordar a dupla, que foi indagada a respeito do comércio ilegal de entorpecentes. O indiciado de 36 anos relatou que havia fornecido a droga ao indivíduo que

havia arremessado a porção no automóvel. Quanto à mochila, os militares verificam depois que no interior dela havia várias porções de maconha semelhantes as quais encontravam-se com o primeiro indivíduo abordado. Conforme indica a PM, foi acionado o apoio do canil do Baep (Batalhão de Ações Especiais da Polícia), onde o cão de faro localizou quatro tijolos de maconha no terreno da residência do suspeito. Já o rapaz de 21 relatou que teria uma arma em sua casa, o que se comprovou posteriormente após busca na residência do suspeito: foi localizada uma pistola Walter, de uso restrito, calibre 7,65 sem munições.

Diante dos fatos, foi dada voz



Cão de faro do canil do Baep localizou quatro tijolos de maconha no terreno da residência do suspeito, de 36 anos

de prisão em flagrante aos suspeitos, ao de 36 anos, por tráfico de drogas e, ao de 21, por posse ilegal de arma de fogo. A dupla

e os objetos apreendidos foram conduzidos ao plantão de Polícia Participativa, onde permanecem à disposição da Justiça.

Fonte: [O Imparcial](#), 18/06/2022.

Com título “Homens são presos por tráfico de drogas e posse ilegal de arma de fogo em Prudente” (Figura 4), notícia publicada na coluna “Cidades”, refere-se a dois homens presos no Jardim Morada do Sol, por tráfico de drogas e posse ilegal de arma de fogo, após uma denúncia à Polícia Militar de Presidente Prudente. A operação contou com a ajuda de um cão farejador, que junto com os objetos apreendidos, aparecem na composição da reportagem, por meio de uma imagem. Nota-se que, diferente da notícia apresentada na “Síntese policial” que tem como objetivo de proporcionar um resumo do caso ocorrido, nesta reportagem (Figura 4), temos a presença de mais detalhes do ocorrido e da operação realizada no bairro e seus desdobramentos. Nos dois casos apresentados, observamos a ausência do nome Jardim Morada do Sol no título da reportagem, comparecendo apenas no corpo do texto, isto é, fator que dificulta a associação do bairro com os casos, à primeira vista.

No caso do Distrito do Pimentas, o levantamento foi realizado na “Folha Metropolitana”, abrangendo também o período de 2018 a 2022. Foram encontradas 264 reportagens, sendo 37 notícias relacionadas à prática de “violência” e “crime”, e em termos relativos, essa temática representa 14% do total. Merece destaque o ano de 2019 com o total de 10 notícias, apresentando maior número, enquanto 2018; 2020 e 2021 com 7 e 2022 com 6, como mostra a Quadro 2. A maioria das matérias sobre o Distrito do Pimentas foram publicadas na coluna “Cidade”.

Quadro 2: Reportagens sobre práticas de violência e crime no Distrito do Pimentas – Guarulhos (2018 -2022)

Ano de publicação	Jornal "Folha Metropolitana"
2018	7
2019	10
2020	7
2021	7
2022	6
Total	37

Elaboração: Cruz, 2023.

A notícia “Após invadir casa de bolivianos, quatro criminosos são presos no Pimentas” (Figura 5), publicada em 17 de setembro de 2019, trata de um grupo de 7 criminosos que invadiu a casa de uma família de bolivianos, que residia no Pimentas. Durante o roubo, um dos membros da família foi agredido e os outros foram trancados no quarto. A polícia, na época, conseguiu prender apenas 4 dos 7 responsáveis pela invasão. Já a segunda reportagem (Figura 6), intitulada de “Guarda Civil apreende três adolescentes por tráfico de entorpecentes no Pimentas”, aborda o encaminhamento de três adolescente para delegacia por tráfico de drogas, quando a Guarda Civil de Guarulhos (GCM) realizava um “patrulhamento preventivo” no Pimentas. Na primeira reportagem (Figura 5), observamos a ausência de imagens na composição da notícia, diferentemente da segunda (Figura 6), que mostra três policiais parados em frente as suas respectivas motos, próximos de dois carros da polícia, demonstrando a gravidade do caso. Além disso, nesses dois casos, temos a identificação de imediato do local ocorrido presentes no título da reportagem, o que favorece a relação entre o Pimentas e a ocorrência de crimes.

Figura 5 – “Após invadir casa de bolivianos, quatro criminosos são presos no Pimentas”



Após invadir casa de bolivianos, quatro criminosos são presos no Pimentas

LUCY TAMBORINO - Uma família de bolivianos, que reside no Pimentas, viveu momentos de pânico, na manhã do último domingo (15), durante um roubo. De acordo com a PM, um grupo de sete criminosos entrou na casa por volta das 5h e surpreendeu um dos moradores enquanto ele ia ao banheiro.

Um dos bolivianos, de 25 anos, foi fortemente espancado, teve seu nariz quebrado e chegou até a ser amarrado. Enquanto as outras três vítimas que estavam na residência foram levadas para um quarto. Ao todo quatro integrantes da quadrilha foram presos. Dois deles foram detidos na

primeira residência e outros ainda tentaram fugir pulando o muro e invadindo uma segunda casa. A Polícia Militar foi chamada por vizinhos que perceberam a movimentação.

Com os suspeitos foram encontrados dois facões e um celular de uma das vítimas, que estava no bolso dele quando ele saiu da residência invadida. Os quatro detidos foram reconhecidos pela família no 4º Distrito Policial, que investiga o caso. Com idade entre 20 e 25 anos, apenas um deles tinha passagem pela polícia. A polícia procura os outros três assaltantes que conseguiram fugir.

Fonte: [Folha Metropolitana](#), 17/09/2019.

Figura 6 – “Guarda civil apreende três adolescentes por tráfico de entorpecentes no Pimentas

Guarda Civil apreende três adolescentes por tráfico de entorpecentes no Pimentas

DA REDAÇÃO - Na tarde desta quarta-feira (15) a Guarda Civil Municipal (GCM) de Guarulhos, por meio da Inspeção de Patrulhamento Tático (Romu), apreendeu três adolescentes na prática de tráfico de drogas na rua Edmar Carlos da Silva, região do Pimentas.

Os agentes efetuavam o patrulhamento preventivo com motocicletas pelo bairro quando visualizaram a movimentação e a prática criminal. Em poder dos adolescentes foi encontrada

uma sacola contendo substâncias, aparentemente entorpecentes, e R\$ 50. Diante dos fatos, os adolescentes foram apresentados à autoridade de plantão no 4º Distrito Policial, que requisiu exame pericial para as substâncias, cujo resultado acusou positivo para 41 embalagens contendo cocaína. Na sequência, foi lavrado boletim de ocorrência de ato infracional análogo ao tráfico de entorpecentes, permanecendo os adolescentes sob a tutela da Justiça.



Fonte: [Folha Metropolitana](#), 17/04/2020.

Partindo dos resultados de pesquisas anteriores (Gross, 2008; Torrezan, 2014), e por meio desse levantamento preliminar de notícias relacionadas às duas áreas, notamos que, apenas pelo fato de serem territórios periféricos, os “olhares de fora” tendem a associá-los a crimes e violência. Já com relação os conteúdos das notícias, a partir dos dois exemplos apresentados para cada uma das áreas, identificamos a vinculação, de forma direta, do Distrito do Pimentas a prática de “crime” e “violência” no título das reportagens, o que não comparece no caso do Jardim Morada do Sol, descrita apenas na redação. Além disso, as matérias em ambos os casos, estão relacionados ao tráfico de drogas, disparos de tiros, porte ilegal de armas de fogo e invasão, este último, que ocorreu no Distrito do Pimentas, caracteriza uma prática mais agressiva por parte dos responsáveis pelos atos ilícitos.

No entanto, quando observamos a quantidade de matérias de jornais publicadas, no caso do Jardim Morada do Sol, constatamos que há poucas reportagens (se observarmos os números brutos) relacionadas à prática da criminalidade e da violência nessa área, ao contrário do que acontece com o Distrito do Pimentas, em que essas notícias são mais frequentes. Isso se deve, sobretudo, às diferenças entre as proporções populacionais e de tamanho das duas áreas. Porém, ao relativizarmos a quantidade de reportagens nas duas áreas, identificamos que as notícias sobre o Jardim Morada do Sol, representam 16%, enquanto o Distrito do Pimentas representa 14%.

Isso significa que, mesmo constatando um menor número de notícias sobre a temática “violência” e “criminalidade”, no caso do Jardim Morada do Sol, há evidências da presença do estigma territorial. Diante disso, levantamos uma hipótese que parte de dois pressupostos. Primeiro, de que os telejornais e programas policiais, que dão destaque aos crimes e casos de violência ocorridas nas metrópoles e grandes cidades, especialmente em São Paulo e no Rio de Janeiro, difundem representações de uma “violência difusa” (Sposito; Góes, 2013, p.175), que está generalizada. Já no segundo pressuposto, contraditoriamente ao primeiro, como nos revela Imbert (1992, p.62), a mídia procura formalizar o real introduzindo certa ordem onde parece haver caos, propiciando aparente conforto ao indicar aos telespectadores (e leitores), inseguros frente à visibilidade da violência garantida pela própria mídia, locais perigosos a serem evitados, sujeitos perigosos de que se proteger, ancorando assim, práticas tais como evitar certos bairros.

De acordo com nossa hipótese, a mídia exerce forte influência nos processos de segregação socioespacial, tanto objetivos, como subjetivos (ou simbólicos), assim, ela frequentemente ajuda a produzir e potencializar os estigmas territoriais que, por sua vez, são

mas presentes, em termos absolutos, no Distrito do Pimentas, mas, que não estão ausentes no Jardim Morada do Sol.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observamos que cada um dos espaços urbanos pesquisados possui características singulares quanto à formação histórica, econômica, social e espacial, devido a processos que estão interligados com dinâmicas próprias de cada cidade, com destaque para as àquelas decorrentes das diferenças entre uma cidade média e uma área metropolitana. Ao mesmo tempo que, notamos particularidades que permeiam a formação dessas áreas, como a falta de planejamento urbano/territorial somada ao descaso do poder público frente a sua ocupação inicial, expressa na ausência de equipamentos, infraestrutura e serviços urbanos básicos, além das dificuldades relacionadas à mobilidade. Esses fatores, diretamente pautados na sua condição periférica, podem contribuir para o surgimento de diversas formas de contestação desses moradores, como estratégias para obter visibilidade, entre elas, as práticas que envolvem violência, presentes, sobretudo, no início do processo de ocupação do Jardim Morada do Sol e do Distrito do Pimentas. Levando isso em conta, assim como, os resultados de nossa pesquisa sobre o material jornalístico, que menciona tais espaços urbanos periféricos, constatamos a complexidade na qual se insere a temática do estigma territorial com necessidade de aprofundamento baseado nas relações entre a fundamentação teórica e a pesquisa empírica.

Por fim, a intensidade com que certos assuntos são repercutidos nas mídias, contribuiu e ainda contribui para produção de uma “veracidade”, na medida que, intencionalmente, hierarquizam e selecionam conteúdos que serão assimilados, debatidos e julgados pela sociedade, ajudando a formalizar os estigmas territoriais (Larcerda; Guerra, 2018). Ao reproduzir discursos estigmatizantes, principalmente, quando utilizam como base índices de criminalidade, estabelecem uma “generalização a partir da associação” (Saravi, 2008, p.105), contribuindo para sua naturalização, assim, “os atos de violência veiculados na mídia e integrados ao imaginário social parecem justificar o estigma” (Cornejo, 2012, p.195-196), colaborando para a manutenção das relações de poder, *status quo* e das desigualdades sociais no espaço urbano.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, P. **Padrões de manipulação na grande imprensa**. 2. ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2016.



CALDEIRA, T. **Cidade de muros**. Crime, segregação e cidadania. Trad. Frank de Oliveira e Henrique Monteiro. São Paulo: Edusp, 2000.

CORNEJO, Catalina Andrea. Estigma Territorial como forma de violencia barrial. El caso del sector El Castillo. **Revista INVI**, Santiago-Chile, vol.27, nº76, 2012.

CORRÊA, R. **O espaço urbano**. São Paulo: Ática, 1989.

CRUZ, T. S. **Pimentas na periferia metropolitana: reflexões acerca do estigma territorial e de suas contradições**. Monografia (Bacharelado em Geografia) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), 2022. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/234643>>.

CRUZ, T. S.; LEGROUX, J. Caracterização socioespacial dos Pimentas (Guarulhos –SP): Entre periferia metropolitana e subcentro municipal. In: Semana de Geografia, 2021 - Presidente Prudente/ SP. **ANAIS XXI Semana de Geografia: outras Geografias e (A) diversidades**, 2021. p.706- 727.

CRUZ, T. S.; LEGROUX, J. Estigma territorial e diferenciações socioespaciais da/na periferia: o caso do Pimentas (Guarulhos-SP). **Terra Livre**, [S. l.], v. 2, n. 59, p. 396–435, 2023. Disponível em: <https://publicacoes.agb.org.br/terralivre/article/view/2938>. Acesso em: 27 out. 2023.

CURBERT, J. **Conflictos globales violências locales**. Quito: Flasco, 2007.

FERNANDES, F. L. **Violência, medo e estigma: efeitos sócio-espaciais da “atualização” do “mito da marginalidade” no Rio de Janeiro**. Tese (doutorado em Geografia). Rio de Janeiro. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2009.

GOFFMAN, E. **Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Trad. Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. 4ª ed. Rio de Janeiro: LCT, 2012.

GROSS, C. B. **Insegurança materializada no cotidiano: uma análise do bairro Jardim Morada do Sol (Presidente Prudente/SP)**. São Paulo, Fapesp, 2008 [relatório de iniciação científica].

IMBERT, G. **Los escenarios de la violencia**. Barcelona: Icaria, 1992

KOMURO, F. T. R. **A cidade às bordas: novas perspectivas para o Morada do Sol e o Belo Galindo**. 2018. 1 CD-ROM. Trabalho de conclusão de curso (Graduação - Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Tecnologia, 2018. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/203335>>.

LARCERDA, E.; GUERRA, E. O papel da mídia na (re)produção de estigmas em torno de grupos sociais e espaços na metrópole do Rio de Janeiro. In: **Encontro Nacional de Geógrafos**, João Pessoa/PB, 2018.

NARANJO, P. S.; TORO, N. Q. Estigmas territoriales y distinciones sociales: Configuraciones espaciales en la ciudad de Medellín. **Anagramas**, Medellín-Colômbia vol.7, nº14, (115-132), 2009.

OLIVEIRA, R., MARANDOLA JR, E.; PEREIRA, R. H. M.; SILVA, R. B. O estigma de morar longe da cidade: repensando o consenso sobre as “cidades-dormitórios” no Brasil. **Cad. Metrop.** São Paulo, v.12, n.24, p.395 - 415, 2010.

PAIVA, L. F. S. Contingências da violência em um território estigmatizado. **XIII Congresso Brasileiro de Sociologia.** Fortaleza. 2007.

RIZZON, Renata Cristina. CRUZ, Taís Souza. OLIVEIRA, Pablo Muryllo. Fragmentação socioespacial e Estigma territorial: Reflexões sobre a produção do espaço urbano na atualidade. In: SIMPURB, 2022 - Curitiba/PR. **ANAIS XVII Simpósio Nacional de Geografia Urbana,** 2022.

RODRIGUES, A.O. Estigma territorial em foco - cidade simbolicamente dividida e atraso no desenvolvimento. In: **VI Congresso de Desenvolvimento Social,** 2018, Montes Claros. Anais do VI Congresso de Desenvolvimento Social, 2018. p. 1934-1946.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço:** Técnica e Tempo, Razão e Emoção. 4. ed., 2. reimpr. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SANTOS, P. S. **A transformação da estrutura urbana na cidade de Guarulhos e a constituição de uma nova centralidade no Bairro de Pimentas.** 2017. Dissertação (Mestrado em projeto, produção e gestão do espaço) – FIAM FAAM, São Paulo. 2017.

SILVA, R. B. Implantação de loteamentos e segregação socioespacial urbana. *Revista Geografica de America Central* (online), v. 2, p. 1-32, 2011.

SPOSITO, M. E. B; GÓES, E. M. **Espaços fechados e cidades: insegurança urbana e fragmentação socioespacial.** São Paulo: Editora Unesp, 2013.

THOMPSON, J. B. **A mídia e a modernidade:** uma teoria social da mídia. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

TORREZAN, R. M. **Lugar e Comunidades no Jardim Morada do Sol e Parque Residencial Francisco Belo Galindo: análise a partir de uma Estratégia de Educação de Jovens e Adultos.** 2014. 403 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, 2014. Disponível em : <<http://hdl.handle.net/11449/116033>>.

WACQUANT, L. A estigmatização territorial na idade da marginalidade avançada. *Sociologia. Departamento de Sociologia* – Faculdade de Letras/UP, vol.XI, Porto, 2006.

WACQUANT, L., SLATER, T., BORGES PEREIRA, V. Estigmatización territorial en acción. *Revista INVI,* 29 (82), 219-240, 2014.